

## **RELAÇÕES DE GÊNERO: PARADOXOS E REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES**

Paulo César García  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

As relações de gênero são uma categoria que desempenham sentidos de alteridade diante dos constructos sociais e da diferenciação sexual. As disposições particulares à constituição do masculino e do feminino são manifestadas na relação hierárquica entre eles. A diferença é inscrita no modo como os indivíduos dialogam em sociedade e refletem posições e papéis sociais. Daí, reinterpretamos os significados históricos e políticos que damos ao discurso concebido e também como percebemos e vivenciamos a diferença sexual. Diante desse suporte, a imagem do masculino e dos discursos que referem às formas de representação do homem são integrantes de processos de modelagem de comportamentos, de hábitos, de atitudes ou, no limite, da imposição de uma relação de dominação.

As identidades realimentadas por discursos que passam a integrar no meio social vêm dando mostras de que o homem ocupa um outro lugar na cultura, questionando valores universais, isto é, tidos como masculinos direcionados para um corpo fálico recolocado em outra situação para pensar sua condição “ex-cêntrica” na história.

É curioso observar como a condição individual, sob a perspectiva de textos impressos publicitários, se estabelece e esse objeto de estudo se permite como escuta pelo modo como problematiza as “várias vozes”(“quem fala”), que se encenam de/para um mesmo sujeito. Através dos constructos dessas relações, estilizam-se os atos masculinos que se fundamentam na presença do corpo. Não o que o corpo é, mas o que se encena para dizer algo. A linguagem da mídia corrobora o tributo à beleza e o culto ao mito apolíneo, pois a encarnação do belo na cenas

mediáticas exerce poderoso fascínio com as maneiras habituais de se fazer pensar a cultura do sexo, dos desejos viris, de homens ávidos, dando livre acesso a Eros.

Todavia, as referências ao masculino, relacionadas ao homossexual, ligam a condição do sujeito ao espaço expatriado onde sua voz se faz ouvir por códigos nos quais trazem a concepção do sujeito afetado, sensível e alegre, motivos de chacota e, portanto, anti-paradigma nítido para os que se arriscam a subverter os comportamentos ditados pela masculinidade hegemônica. Paradoxalmente, a imagem do heterossexual, do másculo, do sedutor e da aparência apolínea está vinculada ao itinerante processo de afirmação homossexual, pois a procura do corpo perfeito coincide com a procura de valores masculinos. Um reflete o tom confessional, paradigma da nossa tradição cultural e hegemônica, o outro fadado ao discurso de viés transgressor, e sem o convívio em sociedade, esconde-se e se oculta muitas vezes.

Desse modo, digere o significado do aparente e do másculo sedutor. Para Pedro Paulo de Oliveira<sup>1</sup>, “quanto o maior o culto à masculinidade hegemônica, maior será o destrutivo sentimento de auto-deprezo. O fascínio e a sedução que a masculinidade hegemônica exerce sobre os gays pode ser a explicação mais fácil para esta tentativa de adequação que os gays empreendem, atualmente em direção aos estereótipos masculinos”. Esse culto à imagem pode conduzir ao bizarro sentimento do desencontro, da solidão e da frustração no amor.

Certo sentido ambíguo tem significado imagens de homens, tal a do másculo e a do “afetado”, que segundo Britzman<sup>2</sup>, este último tem se mostrado por sua vez tão plural em suas variadas práticas e matizes, (in)validando qualquer pretensão a uma “identidade gay”, enquanto categoria fixa e monolítica, ao contrário dos que pensam as práticas homossexuais, segundo

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos feministas*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 91-113, 1998.

<sup>2</sup> BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor. *Identidade Homossexual, educação e currículo*. Educação e Realidade, Rio de Janeiro, vol. 21(1), p.80-98, jan./jul., 1996.

estereótipos e clichês mediáticos. Por essa transversalidade, há sentido, há algo a mais a saber sobre valores que se tornam mediadores significativos para buscar a condição de falar do homem como seus medos, inseguranças, insatisfações afetivas, ocultação de sentimentos, repressões, fraquezas e vulnerabilidades, que não são nem mais e nem menos direcionados para heterossexuais ou homossexuais. Talvez, a borragem das certezas põe em cheque a autenticidade das instituições, colocando assim a sina da existência ontológica, como errante e de indefinições, como a cartesiana, fazendo emergir fronteiras e rotas.

Essa rearticulação das classificações à respeito de constructos de gêneros - masculinidades é relativamente tímida na textualidade da mídia, mas presente no contexto atual. Isso porque as mulheres e os homossexuais ativaram seus conceitos, ou seja, eles têm seus papéis que os puseram como vanguardas e rumo à representação social. Nesse cenário, o homem heterossexual se viu casualmente com um problema: o ideal e a posição que não mais condiziam. A visibilidade do outro lhe serve de suporte para se repensar. Os deslocamentos “diferentes” entre mulheres e homossexuais apontam para as permissividades antes silenciadas, o quê faz com que os homens heterossexuais prescindam de sua representação.

E assim, os conceitos pautados em valores físicos foram alterados em valores morais também. Personagens masculinos do cotidiano vivenciam intensa e dolorosamente o peso e o atrito entre a premência da ação criativa e das posições centralizadoras que são lhes condicionados. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem exatamente como querem; não a fazem sob circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas sob circunstâncias diretamente encontradas, dadas e transmitidas pela história cujo pensamento racionalista e a observação empírica dependem.

Com esse enfoque, considero algumas manchetes de cunho publicitário nas quais figuram imagens de homens, que internalizam, conservam, conformam-se aos papéis tidos como

masculinos, ou seja, a virilidade como símbolo de poder, que está no corpo. Só por esse âmbito, pode-se mostrar o sentido de masculinidade. Existem os que recusam e rompem esse estigma para reconhecer a si próprio, dando ênfase aos questionamentos para o processo de revisão e da proporção do plano falido da modernidade cuja promessa da emancipação universal não se cumpriu.

O discurso protagonizado pelo transgressor passa a ser visto em contraposição à concepção do modelo ideal e de compulsão erótica que detém o ser em sua autonomia. Como a mensagem de um menino estampada em uma propaganda, que incentiva o hábito da leitura no país, revela uma imagem que contradiz o sentido da manchete: *O livro tem o poder de mudar a sociedade*. No entanto, a primeira impressão da foto registra um semblante de desejo cujo objeto de forma fálica se encontra sob o colo do garoto, transparecendo um pertinente símbolo do prazer. Esse objeto, por sua vez, está coberto por um casaco por onde esconde um certo volume e espessura, sinalizando certa excitação e na qual se ler: *Você ficaria intimidado numa situação como esta?*<sup>3</sup> Logo, na página seguinte, espelha-se o volume, que se desfaz com a imagem do livro na mão do garoto com o discurso: *E agora?*

A ambigüidade da imagem, em seu avesso e direito, projeta o sujeito que convive com o ritual de iniciação do macho com o qual enaltece o ideal sexista e positivista. Ela oferece o significado sobre o que representa ser homem, ou seja, Ser viril. O semblante do garoto espelha os moldes aparentes de utilizar a força física. Nesse sentido, a linguagem desse meio midiático restringe o fantasma emocional a princípio, limitando-a a estereotipia e trazendo uma situação que intimida diante de uma prática social que define o universo simbólico masculino. O discurso tem um teor de impacto instaurado para chocar, o que sugere certa experiência do banal e tão

---

<sup>3</sup> Revista Veja. São Paulo : Abril Cultural, 2001.

logo tenta se desfazer com a presença de um outro paliativo que possibilite conceber uma outra maneira de ver a subjetividade fora dos padrões pré- estabelecidos.

As sociedades patriarcais dos mais diversos períodos históricos articularam esforços permanentes para construir uma imagem do “verdadeiro” macho, forte e dominador, que lhe serve de fundamento. Há de ser aí precisamente no impasse, no entrelugar entre a marginalidade desapossada e a institucionalização tirânica das formas impostas do real, que se visualizam imagens ou rótulos marcados em comerciais e discursos publicitários.

A enunciação de uma vida social (in)voluntária herdada e empenhada nos princípios morais e éticos, as relações pessoais e os valores materiais, tecnológicos e de mercado são sustentados cada vez menos em detrimento de um processo de reinvenção do humano por meio do tecnológico, aproximando-o cada vez mais da máquina. Nesse contexto, o homem transita entre a tentativa de diferenciar-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para ele e o que o espelha por crenças de que um homem se faz por sucessivas vitórias. Essa “ditadura do vencer”<sup>4</sup> é substituída por um tipo de engajamento pessoal em que perda e ganhos são incluídos como parte do caminho. Assim, uma das probabilidades que se abre diante desse trânsito diz respeito à transformação da intimidade.

As relações de intimidade se sustentam no respeito e no reconhecimento mútuos, sendo necessário para mantê-las maturidade, coerência e compromisso consigo mesmo e com o outro. Assim, elas são mediadas pelo corpo e, em função do afetivo, nos mostra que estão balizadas predominantemente por jogos de interesse e poder. A disponibilidade e o investimento necessários para desenvolvermos relações de intimidade deixam de ter prioridade diante de um

---

<sup>4</sup> NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro : Rocco, 2001, p.17.

“cotidiano marcado pela auto- suficiência e superficialidade”<sup>5</sup>, pois os projetos de vida são assim idealizados pelas relações de poder.

Desses projetos, as relações individuais mediadas por modelos culturais, que são rotulados através das práticas de poder, mantêm pouco sólidas as manifestações autônomas. A partir de um dado lugar, não há como negar a disposição social do sujeito, na qual a diferença, independente do dado biológico, é uma construção feita. Daí, cabe questionar o centro e o natural, pondo a norma sob interpretações. Nosso comportamento e agenciamentos são mobilizados e experienciados, constituindo uma subjetividade multifacetada e multidimensional na qual a relação de gênero é marcada na sua transversalidade. Assim, o quê fora instituído como mero “outros” passa a ser visto e a ser alvo de atenção, analisando as expressões consagradas, estilos e modos convencionados. Afinal, a linguagem expressa relações, poderes, lugares e mais do que isso os institui, não somente veicula, produz e faz representar diferenças.

É possível perceber como a linguagem midiática procura teatralizar uma forma de reverter, ou mesmo moldar e escamotear sentidos. A linguagem é um turbilhão que esmaga e ressuscita, nos usa muito mais do que nós a usamos. A adequação com as normas da linguagem tradicionais pode barrar a percepção da ambigüidade da expressão *homem*, que serve para designar o indivíduo tanto do sexo masculino quanto toda a espécie, englobando homens e mulheres. Em torno do nome, abre-se um processo de ocultamento. O nome, por vezes, parece se referir aos interesses vitais do homem como o acesso à bebida, ao futebol, a carro e às mulheres. Já o ocultamento demarca não apenas o lugar do feminino, mas pela diferenciadas adjetivações, associações e analogias, qualidades e atributos, comportamentos e os gêneros.

---

<sup>5</sup> NOLASCO, S., 2001, p.17.

A hegemonia do masculino elimina a ausência da fala, uma forma de garantir a norma e a negação ao outro no espaço legitimado, provocando conchavos confinados a “gozações” e “insultos”. Porém, as transformações no uso da linguagem ou expressões cujo sentido não isenta a heroicização do homem vêm destacando uma nova relação de masculinidade na qual busca-se como dizer sobre o homem e identificá-lo na ampla diversidade e na pluralidade do cruzamento das fronteiras, nas trocas dos arranjos sociais e das suas atividades exercidas.

As identidades sexuais e de gênero passam a ser veiculadas pela mídia eletrônica e impressa dando nitidez aos conflitos que existem diante do prazer sexual, como impotência e a incapacidade de ereção. Em uma propaganda educativa, o mito do futebol Pelé encena e protagoniza as novas demandas da sociedade moderna com o seguinte discurso: *Por que a minha opinião sobre dificuldades de Ereção é importante? Simples, porque sou homem*<sup>6</sup>. Essa mensagem institui e demarca as fronteiras. A força viril de um atleta que se alia à impotência do homem. Essa referência traduz o fato de que o sujeito convive com suas fragilidades e não as admite. Causa jamais assumida pelo homem no espaço coletivo e somente vindo a ser conhecida pelo doméstico. Por isso, a potência do sexo, não antes situada no coletivo, não se resume em um confronto com o gênero, e sim com o (com)provar que grau de masculinidade se tem. Cabe à mulher ou ao homem oferecer o atestado de comprovação o quanto se é potente, pois é o ato sexual que 'comprova' sobre a masculinidade, principalmente, o discurso que discorre sobre o ato. Assim, o masculino se comprova, nessa análise, como relacional e complementar ao feminino. A linguagem utilizada pela personalidade do porte de um esportista assegura a sua experiência no percurso de socialização, isto é, sente-se valorizado quando a representação que tem de si corresponde àquela que lhe dá expressão. Entretanto, cabe-lhe a tarefa de reconhecer o quê o outro nega, vitimado por estigmas hegemônicos e pouco flexível a alterações.

---

<sup>6</sup> Revista Veja. São Paulo : Abril Cultural, 2001.

Para um homem, existem parâmetros que definem seus sentimentos de identidade. A “razão” de ser Homem pelo traço do corpo: ter um falo, ser viril e duro idealiza concepções cuja visão de diferença é consequência direta em torno de tais constructos. Se a mulher está em cena, seja nos palcos imediatamente visível da representação, como também na cena da escrita, o homem vem verbalizando o que antes era ilegível: as suas marcas do passado. Ele demonstra se preocupar com sua integridade sexual, não àquele que pensa e age igualmente; não é idêntica ao outro. Busca o que deve ser prescindido, como o fato de se ver e se manter sob signos que o representam como envolvido em situações de violência.

Nesse sentido, algumas categorias cresceram a partir de lutas sociais e do credo individualista que procuravam emancipar o sujeito e livrá-lo de tudo o que o mantinha no contexto das tradições, como os homossexuais e negros. No entanto, O ideário individualista autoriza ao sujeito conceber múltiplos projetos que vigoram como uma ação para lidar com os sentimentos de ambigüidade, “diversos domínios simbólicos e fragmentação decorrentes da transição das sociedades tradicionais para a individualista, contribuindo para aumentar o sentimento de integração social na cultura contemporânea”<sup>7</sup>.

Por isso, a mídia se converte numa forma de praxis discursiva e social, não apenas representando, mas também criando a realidade e a assegurando, tratando de retratar a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais. Com toda a certeza, ela está impregnada dos pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo e a moral cristã.

A persistência de imagens do homem brasileiro heterossexual em propagandas sobressai e é originário das elites e dos brancos, todavia vem dando provas frente às reestruturas dos conceitos predominantes, desconstruindo os pilares que sustentam o saber hegemônico. Essa

---

<sup>7</sup> NOLASCO, S., 2001, p.147.



representação social do masculino para além da truculenta imagem do machão brasileiro exerce um suporte para o sujeito desenvolver seu papel e projeto de buscas e conquistas. A procura, portanto, de um significado mais forte, que se esconde e se encontra no silêncio é, ao mesmo tempo, atitude que nos leva ao conhecimento, mas ao mesmo tempo aprisiona o objeto de estudo dentro das amarras da interpretação, dentro da “ordem do discurso”, para citar a expressão de Foucault.

Esse paradigma de leitura suscitada pelo diálogo discurso e gênero: masculinidades reflete substancialmente questões de ordem constitutiva e que a heterogeneidade é a revelação para estabelecer o viés da diferença na atualidade. O espaço do outro é cultivado, mas também constituído através de um debate com a alteridade.

Daí considerar como os/que papéis masculinos são desempenhados nas/pelas formações discursivas para saber o/do outro frente à interpretação dos enunciados que representam-nos. Chamo atenção para o afetivo, que é pouco retratado. Semelhante à imagem do dândi, o homem vem colhendo impressões fugidias em que predominam desejos de fuga e o acúmulo de imagens desconexas. Personagens sem nomes, como nas ações romanescas, arquétipos típicos das figuras humanas que vivem desenraizados, em eterno trânsito, em busca do inexplicável e da convivência da solidão. Essa retrato revela uma nova “ferramenta”, dentro do discurso, que tenta abrir novos espaços e tentar conectar a inteligibilidade dos corpos e do movimento, da “natureza” e da “cultura”. Sendo o contexto dos discursos da mídia um locus no qual a visualidade reina absoluta sobre as outras formas de percepção, coloquemos este dado como foco. “A mudança visual (e também comportamental) do homem não é apenas um

fenômeno de passarela, um pequeno show do universo da moda, não! A passarela demonstra de maneira exemplar as diversas faces e tentativas do homem contemporâneo’<sup>8</sup>.

Prolifera aí um misto de erotismo e de perdas – visto semblantes de insinuações. Pesa, assim, o estereótipo “Seja Homem!” porque esse discurso rege o padrão social por invenções e por constructos projetados para determinadas posturas e atitudes. Perspectivas que, como o evidenciado, a mídia produz e, ao mesmo tempo, nos mobiliza diante dos sentidos impressos em folhetos, cartazes, outdoor que traduzem as complexas relações de masculinidades e esferas que representam seus papéis.

---

<sup>8</sup> CALDAS, Dario(org.) *Homens*. São Paulo : Senac, 1997, p.150.